

UM ESTUDO ACERCA DA UTILIZAÇÃO DO TEMPO DISPONÍVEL DOS IDOSOS EM AREIA BRANCA/RN

*A STUDY ON THE USE OF AVAILABLE TIME OF ELDERLY IN AREIA
BRANCA / RN*

Mabel Nunes do Vale¹

RESUMO

O presente estudo buscou identificar algumas formas de utilização do tempo disponível de um grupo de mulheres idosas do município de Areia Branca/RN. Tratou-se de uma pesquisa qualitativa, efetivada através de pesquisa de campo realizada por meio de entrevistas não estruturadas com 20 senhoras do “*Grupo Maturidade*”, projeto organizado pela Prefeitura Municipal de Areia Branca, fundado em 2010 e que reúne um total de 60 senhoras todas as terças e quartas-feiras, no Centro de Referência da Assistência Social (CRAS). Durante a pesquisa, foi percebido que estas senhoras em seu tempo disponível buscam no lazer formas distintas de entretenimento, procurando ocupar o tempo ocioso e reforçar determinadas formas de interação social; porém, em decorrência das diversas barreiras enfrentadas, limitam-se ao lazer doméstico e as poucas possibilidades públicas existentes na cidade. A falta de equipamentos públicos impede-as, já que as mesmas não possuem condições financeiras de frequentar locais privados; além disso, o olhar que os outros têm e que elas têm de si mesmas também são aspectos impeditivos, pois a sociedade exclui os chamados “improdutivos” e elas, muitas vezes se auto excluem. Contudo, apesar dos limites de ação do *Grupo Maturidade*, a participação no Grupo está sendo relevante como alternativa de lazer para estas mulheres, visto a possibilidade de participação social, bem como de desenvolvimento pessoal através da vivência lúdica.

PALAVRAS-CHAVE: Terceira idade. Desenvolvimento sócio-educativo. Lazer. Areia Branca/RN.

¹ Bacharel em Turismo pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. E-mail: mabel_rn@hotmail.com

ABSTRACT

This research aimed at understanding some forms of use of available time for leisure in a group of elderly in Areia Branca town/RN. This was a qualitative study, effected through field research conducted through unstructured interviews with 20 women of the "Grupo Maturidade" (Maturity Group), an organization promoted by the Municipality. As inferences, it was realized that these ladies in their available time look back to look for leisure entertain, have fun, take the idle time; however, due to various faced barriers, they limit mainly to home entertainment. With the same empiric value, the lack of public facilities also hinders the fulfillment of a lot of leisure possibilities, since they have no substantial financial conditions to attend private places; In addition, the look that others have of old age and that they have themselves also contribute to non-realization of some manifestations of leisure, because society excludes the aged and "unproductive" and they just as often mutually exclude each other. However, it was observed that participation in the "Grupo Maturidade" is being relevant as an alternative leisure, since the developed activities open some possibilities for social participation, as well as potential for self-fulfillment through the experience fun.

KEYWORDS: Seniors. Social and Educational Development. Leisure. Areia Branca/RN.

APRESENTAÇÃO

A expectativa de vida no mundo está se elevando, conduzindo, portanto, a um processo gradual de envelhecimento populacional. A longevidade está aumentando em decorrência de mudanças demográficas, resultado da diminuição nas taxas de mortalidade e fecundidade, bem como da melhoria na qualidade de vida no que diz respeito a higiene e saúde.

Nesse contexto, são requeridas novas demandas para atender as necessidades e expectativas específicas de um público que, apesar do envelhecimento biológico, não tem o desejo pelo lúdico envelhecido, tornando-se assim para os idosos a busca pelo lazer uma opção para a melhoria da qualidade de suas vidas. Destarte, os idosos vêm se firmando como um público consumidor de várias atividades de lazer, com necessidades e exigências

diferenciadas. No entanto, muitas são as barreiras sócio-econômicas, culturais e físicas, por exemplo, a serem enfrentadas para a realização da vivência dos seus lazeres.

Partindo dessas premissas, o objetivo geral desse trabalho foi investigar como o tempo disponível de uma pequena parte da população idosa de Areia Branca/RN – especificamente um grupo de 20 mulheres acima de 60 anos – está sendo utilizado e percebido. Especificamente, objetivou-se: abordar o tema do lazer a partir de uma perspectiva crítica, considerando-o imerso no modo de produção capitalista; efetuar uma breve caracterização da cidade de Areia Branca/RN, especificamente, nos aspectos quantitativos do lazer: quantidade e conservação dos equipamentos específicos de lazer vigentes na sede do município; e compreender como o público entrevistado vivencia, percebe e avalia o seu cotidiano lúdico.

Foram entrevistadas 20 senhoras do “Grupo Maturidade”, projeto organizado pela Prefeitura Municipal de Areia Branca, fundado em 2010 e que reúne um total de 60 senhoras todas as terças e quartas-feiras, no Centro de Referência da Assistência Social (CRAS). Assim, através da realização de entrevistas não estruturadas (por pautas), as informantes se dispuseram voluntariamente a falar sobre o seu cotidiano e sua relação com o lazer.

O LAZER DO IDOSO NO BRASIL

O mundo está passando por um processo de envelhecimento da população. Em outras palavras, a longevidade está aumentando. Entende-se por longevidade o número de anos que uma pessoa vive, bem como o número de anos que uma parcela da população, a qual nasceu em um mesmo período do tempo, tende a viver (CARVALHO; GARCIA, 2003).

No Brasil, esta característica também não pode ser negada. Antes considerado um país de jovens, passa agora por essa mudança na sua configuração etária. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2008), para cada 100 crianças de 0 a 14 anos existiam 24,7

idosos com mais de 65 anos, em 2008, prevendo-se que em 2050 existirão cerca de 172,7 idosos para cada 100 crianças.

Segundo Fromer e Vieira (2003, p. 33-34), essas mudanças procederam de transformações ocorridas na:

- Higiene pública: expansão do saneamento básico, como rede de esgotos e tratamento de água;
- Medicina: avanço das pesquisas na área médica, revertendo em novos medicamentos e tratamentos mais eficazes para inúmeras moléstias;
- Política de saúde: programas de vacinação, campanhas de divulgação e esclarecimentos acerca da prevenção de doenças, controle e erradicação de endemias e epidemias;
- Conquistas sociais: evolução do nível de escolaridade, melhores condições de trabalho, regulamentação das leis trabalhistas, expansão de programas habitacionais, maior acesso a informação e a bens de consumo.

Logo, em meio a esse aumento da longevidade, deve-se levar em consideração que novas demandas são requeridas para atender as expectativas deste novo público que está buscando cada vez mais opções para melhorar a qualidade de suas vidas, sendo o lazer uma destas, pois, apesar do envelhecimento natural, o desejo pelo lúdico não envelhece.

Contudo, sob um forte viés funcionalista, a prática de atividades prazerosas para esse grupo etário específico, devido o processo de envelhecimento populacional, vem sendo associado como um “meio prolongador da existência” e uma conseqüente fonte de qualidade de vida, além de proporcionar o preenchimento do chamado “tempo livre”. Para além deste caráter reducionista do lazer e fortemente compensatório, essa faixa etária é a que menos vem tendo acesso aos equipamentos de lazer, já que as modernas vivências do lazer são oferecidas, cada vez mais, como objetos de consumo nem sempre acessíveis. As barreiras (econômicas e não econômicas) são muitas.

Vale ressaltar, também, que as dificuldades passadas em decorrência de baixos valores da aposentadoria não dizem respeito a toda a população, mais sim, quase sempre às classes sociais mais populares que ao longo da vida

trabalharam precariamente e agora não recebem valores dignos à sua sobrevivência. As “elites”, via de regra, não sofrem com dificuldades materiais relacionadas à aposentadoria. Os limites neste caso apresentam outras facetas.

Outro aspecto limitativo para o lazer diz respeito aos estereótipos atrelados a imagem do idoso, ou seja, apesar de o mercado estar buscando formas de bem atender esse público visando o lucro, ainda existem pessoas, em grande número, diga-se de passagem, que associam a velhice à decrepitude física e a invalidez. Nota-se uma forte desvalorização do idoso, preconceito esse que é também uma forma de violência, e esta, acaba fazendo os idosos alimentarem sentimentos de inutilidade, solidão e dependência, acabando influenciando em sua autoestima.

Dentre outras barreiras para a não realização do lazer, têm-se os limites físicos decorrentes de problemas de saúde ocasionados pela chegada em uma idade mais avançada. Como afirmam Souza, Jacob Filho e Souza (2006, p. 11), “os idosos possuem características fisiológicas, psicológicas e mentais próprias dessa faixa etária, as quais refletem as alterações que acontecem em seus órgãos e são decorrentes do processo natural de envelhecimento”.

O gênero é outro fator determinante para a limitação do lazer, tendo em vista que, apesar das conquistas já alcançadas pelas mulheres, as assimetrias de gênero ainda são visíveis, sendo a mulher desfavorecida até mesmo em seu lazer, onde apesar de homens e mulheres terem seus lazeres limitados na terceira idade, as mulheres são as que mais perdem, justamente, por serem mulheres. Por estes motivos a terceira idade feminina acaba restringindo o seu lazer ao âmbito doméstico (o lar), ficando por muito tempo expostas aos meios de comunicação de massa, especialmente, à televisão. Como o acesso aos conteúdos culturais do lazer foi, historicamente na realidade brasileira, restrito para muitos indivíduos, a vivência lúdica hoje, para muitos segmentos da sociedade, limita-se ao lazer doméstico, representado pelo abuso da mídia televisiva.

Portanto, sem o mínimo de conhecimento da importância de uma prática de lazer que não seja apenas uma fuga da realidade, este tempo privilegiado da

condição humana tende a ser passivo e conformista, firmando-se apenas como mais um produto oferecido pelo mercado.

Os espaços de lazer, ou melhor, a apropriação desigual desses espaços projetados para o lazer, também têm sido barreiras para a não realização do mesmo, principalmente, por que estes estão se tornando cada vez mais privatizados, impossibilitando o acesso daqueles que não dispõem de condições financeiras.

O que há são parcelas maiores da população desprovidas economicamente, as quais não podendo sobreviver no consumo exacerbado dos grandes centros urbanos, são literalmente excluídas para as periferias, as quais por sua vez, são esquecidas pelo poder público.

As desigualdades sociais são decorrentes de um amplo e dinâmico processo de expansão capitalista pelo qual o mundo vem passando. Vê-se na chamada modernização “a tendência a se criar o que poderíamos chamar de ‘fetichismo da economia’ – como se o crescimento econômico por si só pudesse resolver problemas como desigualdade excludente e marginalização” (SOUZA, 2004, p. 80).

Isso nos faz pensar “*o que é ser gente*” (SOUZA, 2004) na terceira idade numa sociedade capitalista, que visa cada vez mais à produção de mercadorias e o seu conseqüente consumo, acabando por ver o homem apenas como mercadoria, ficando os idosos a mercê dessa sociedade pelo “episódio” de estarem aposentados e não serem mais produtivos.

Logo, partindo do pressuposto de que ser cidadão é ter direitos e deveres visando à construção de uma sociedade democrática, percebe-se, através da leitura de Milton Santos (2005), que nunca tivemos cidadania no Brasil, pois as classes médias nunca quiseram direitos e deveres, mas sim, privilégios. Os pobres, por sua vez, não puderam ter seus direitos efetivados. Cresce cada vez mais o número de pessoas em situação de pobreza, tendo em vista que se é dado mais atenção ao crescimento econômico do que ao desenvolvimento da civilização de forma humana.

Portanto, incluir a terceira idade na sociedade é proporcionar um ambiente favorável à concretização de sua autonomia, qualidade de vida, equidade, desenvolvimento humano pessoal e em grupo, efetivando, assim, a possibilidade de uma cidadania concreta.

O LAZER NA CIDADE DE AREIA BRANCA

Areia Branca, cidade na qual esta pesquisa foi realizada, localiza-se no oeste do Estado do Rio Grande do Norte. Possui um território de 358 km² (IBGE, 2010). Encontra-se paralela ao Rio Mossoró e ao Oceano Atlântico, cercada por salinas e gamboas, onde o único acesso por terra se dá através da BR - 110, rodovia que dá acesso à cidade de Mossoró, passando por diversas comunidades. Após o último censo demográfico do IBGE (2010), constatou-se que Areia Branca/RN conta atualmente com uma população de 25.315 habitantes.

A vida econômica do município está muito fortemente ligada a produção do sal, considerado um dos maiores geradores de emprego e renda no município. A pesca é beneficiada pela proximidade do mar e do rio, onde sempre foi uma fonte de sustento para muitos moradores. A economia do petróleo gera no município altos valores de *royalties*. Em dados divulgados pelo Jornal O Mossoroense (ROYALTIES, 2011), Areia Branca/RN se encontra na 5ª posição das cidades que mais arrecadaram *royalties* com petróleo no mês de junho de 2011, equivalendo a R\$ 828.000,15.

Além das economias do sal, da pesca e do petróleo, para Gurgel (2002, p. 20), “há todo um colar de belas praias, enfeitando a Costa Branca areia-branquense, Upanema, Redonda, Cristóvão, Mel”. Percebe-se aí uma observação para com a possível prática da atividade turística no município, o que já se cogita como uma possibilidade de emprego e renda para seus moradores.

Mas, apesar das oportunidades de crescimento econômico, a cidade conta com muitas deficiências no que diz respeito à saúde, educação e infraestrutura

básica. Atualmente, a quantidade de leitos, equipamentos e médicos em postos de saúde ainda não atende a demanda local, tendo a população que se deslocar para a cidade de Mossoró ou para a capital, Natal, nos casos de tratamentos de saúde mais especializados, fraturas e mesmo partos.

Na educação, segundo o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica - IDEB (PORTAL ODM, 2009), “este município está na 4.428ª posição, entre os 5.564 do Brasil, quando avaliados os alunos da 4ª série, e na 4.324ª, no caso dos alunos da 8ª série”. Evidentemente, nesse cenário no qual saúde e educação são indicadores sociais precários, o lazer se torna, pois, um grande *privilégio*.

Com relação aos espaços e equipamentos de lazer na cidade, há uma biblioteca pública, dez praças públicas, sete espaços públicos para prática desportiva e um privado, três associações desportivas privadas, seis espaços privados para dança, um pequeno museu privado, e dois restaurantes com piscina e área de lazer.

O que se percebe no município é, por um lado, uma carência quanto aos equipamentos específicos² de lazer para usufruto da população, e ainda, uma deficiência quanto à qualidade e diversidade nos equipamentos existentes em decorrência de falta de investimento do setor público. Por outro lado, os limites materiais nos equipamentos não-específicos³ são estruturais da realidade brasileira, isto é, em todo o país têm-se precárias condições de moradia, por exemplo, para uma parte expressiva da população assalariada que muitas vezes abdica de seu lazer para o suprimento de necessidades básicas, ficando assim, restritos aos espaços domésticos no seu tempo disponível.

Enfim, não são dadas, publicamente, muitas alternativas lúdicas a população areia-branquense, pois apesar de existirem os espaços das praças estas não oferecem nada além de bancos, e outras contam com apenas bares em

² Equipamentos específicos são aqueles construídos com função direta para o lazer, isto é, “[...] espaços especialmente concebidos para a prática das várias atividades de lazer” (MARCELLINO, 2002, p. 32), como os cinemas, teatros, hotéis, clubes, praças, campings, etc.

³ Dizer que os equipamentos são não-específicos significa que foram construídos não com o objetivo de ser espaço exclusivo para o lazer, mas que acabam se tornando. “[...] um espaço não construído de modo particular para essa função, mas que eventualmente pode cumpri-la.” (MARCELLINO, 2002, p. 29). São exemplos os bares, as escolas, o lar e até mesmo a rua.

seus espaços, limitando-se em sua grande maioria a venda e consumo de álcool, o que para os idosos pode não ser um atrativo, principalmente, por questões de saúde. As casas areia-branquenses que contam com infraestrutura para lazer se encontram em poder das classes sociais mais abastadas, não da maioria dos idosos que vivem com um salário mínimo e moram em condições precárias. Quanto aos espaços privados mais luminosos (dinâmicos), a maioria da população idosa e “assalariada” sofre limitações, como por exemplo, no acesso aos restaurantes e suas áreas de lazer com piscinas. Daí que o lazer termina se confinando aos espaços domésticos e públicos, ampliando as assimetrias de acesso e reforçando algumas barreiras não econômicas para o lazer do idoso, dentre elas, o preconceito etário.

CONHECENDO O LAZER DA “MELHOR IDADE (?)” AREIA-BRANQUENSE

A organização das pautas das entrevistas se deu objetivando compreender o cotidiano lúdico dos atores sociais selecionados pela pesquisa. O processo de coleta dos dados ocorreu no *Grupo Maturidade*, entidade organizada pela Prefeitura Municipal de Areia Branca/RN, existente desde o ano de 2010, reunindo um total de 60 senhoras⁴ todas as terças e quartas-feiras, sem uma programação fixa, no Centro de Referência da Assistência Social (CRAS).

Este projeto tem como objetivo fortalecer vínculos na terceira idade. Para que o objetivo seja alcançado são realizadas semanalmente atividades (basicamente manuais) e palestras que orientam e ajudam nas questões sobre o processo de envelhecimento. Outras atividades também são oferecidas por esse serviço de assistência pública como as tardes de convivência (geralmente mensais), onde todas as 60 senhoras têm a oportunidade de se encontrar,

⁴ Deste grupo, foram entrevistadas 20 senhoras, as quais se dispuseram, voluntariamente, falar sobre alguns aspectos socioeconômicos de suas vidas, bem como sobre suas vivências de lazer. De acordo com o Estatuto do Idoso (BRASIL, 2003), é considerada idosa a pessoa a partir de 60 anos. Desta forma, foram entrevistadas 20 mulheres entre 60 e 82 anos de idade.

alongar, dançar, exercitar, produzir artesanatos e receber orientação de nutricionistas, assistentes sociais, dentre outros profissionais.

Adentrando no lazer das informantes, percebeu-se, nas vivências de lazer destas senhoras, influências de terem **começado a trabalhar muito cedo**: (“[...] comecei a trabalhar com oito anos nas casas [...] (Entrevistada 14)”; **não terem tido oportunidade de estudar** (“[...] fui criada na roça. Nem o nome eu estou fazendo mais, agora coloco o dedo (Entrevistada 17)”) e terem vivenciado, em sua grande maioria, **relações de dependência para com seus maridos** (“Quando meu marido era vivo eu não era muito de sair de casa. Depois que ele faleceu eu gostei de sair mais de casa que era pra melhorar mais a cabeça... (Entrevistada 5)”). Essas foram três observações bem comuns dentre o grupo investigado.

Daí que são muitas as barreiras enfrentadas pelos idosos para que haja a vivência criativa de alguma atividade de lazer. Apesar das questões econômicas influenciarem os mais diferenciados aspectos da vida humana em qualquer faixa etária, é com a chegada da velhice que todas as atividades se tornam mais restritas para aquelas pessoas que contam com o **baixo valor de uma aposentadoria**. Como adverte Jost Krippendorf (2001, p. 28), “do nascimento à morte, todas as atividades estão literalmente arriscadas a serem comercializadas”. No que diz respeito ao lazer, não é diferente.

Este fato foi constatado durante as entrevistas, revelando que caso essas pessoas destinem uma dada quantia de dinheiro para a efetivação do lazer, deixariam de obter itens de primeira necessidade, e nessa faixa etária os **gastos com médicos e medicamentos consomem parte significativa da aposentadoria**. Além disso, tendo em vista que não há uma boa infraestrutura pública de lazer para essas pessoas na cidade, o pouco que resta para fazer é privado.

Deste modo, é preciso ter cuidado, pois quando o lazer passa a ser comercializado, enquanto objeto de consumo, gera a exclusão daqueles que não dispõem de condições financeiras para realizá-lo, sendo a terceira idade a qual, geralmente, vive com um salário mínimo, sendo um dos públicos mais atingidos

pela privatização do lazer. Quando as barreiras são econômicas, o depoimento a seguir ilustra o sentimento de todas as outras entrevistadas: *“Hoje em dia tudo é pago. Se vai a uma academia tem que pagar. Se vai fazer natação tem que pagar. Aí, pra quem tem condições a vida é mais facilitada, e quem não tem? Aí tem que esperar as autoridades procurar dar mais condições para quem não tem... (Entrevistada 20)”*.

Vale ressaltar que as mulheres são as que mais encontram barreiras para a realização dos seus lazeres, devido às **assimetrias de gênero** sempre as acompanharem. Com a chegada da velhice os estereótipos são inúmeros. Um deles pode ser ilustrado com a expressão **“velha assanhada”**: *“Agora não gosto mais não porque eu já estou velha [...] eu me acho tão velha, tenho vergonha [...] (Entrevistada 14)”*. Ainda sobre sair de casa para se divertir esta complementou: *“Fazer o que mulher? Só tem festa, eu vou me meter no meio de um monte de moça para dançar? Deus me livre! (Entrevistada 16)”*. As desigualdades são visíveis para as mulheres que se encontram na terceira idade, as quais são ainda mais discriminadas por “fazerem parte” de uma sociedade que valoriza imensamente o estar jovem e ser bonito (SALGADO, 2002). Por diversas vezes essas senhoras não falavam concretamente que eram incapazes, mas gesticulavam e movimentavam o corpo de tal forma para que a entrevistadora percebesse o corpo envelhecido como um fator de desmotivação na realização de qualquer atividade.

O envelhecimento natural do corpo acarreta mudanças como a diminuição na força muscular, a perda de massa óssea – ficando os idosos mais propensos a quedas, fraturas etc. –, e as doenças que costumam aparecer na velhice. Assim uma entrevistada afirmou: *“Às vezes é uma doença... eu tenho osteoporose e morro de medo de escorregar e quebrar uma perna e ficar para sempre numa cadeira de rodas sem poder andar. Deus me livre! (Entrevistada 3)”*. Desta forma a família, por vezes, com os seus **cuidados excessivos** e por achar que o idoso se encontra totalmente sensível ao ambiente e a qualquer atividade, acaba por tornar-se uma barreira para a não prática do lazer nessa faixa etária, impedindo a realização de atividades que podem agregar qualidade de vida.

Uma entrevistada chegou a dizer: *“Ah, minha filha se eu pudesse eu fazia tanta coisa... Hoje em dia eu não estou mais fazendo por que as minhas filhas não desejam que eu faça mais nada... é muito difícil eu sair de casa, mas tendo um convite eu gosto de sair, passear... (Entrevistada 5)”*.

Outra barreira apontada pelas entrevistadas foi a **falta de espaços de lazer adequados na cidade**. Mais da metade delas abordou o tema: *“Aqui tá merecendo uma praça para a gente fazer exercício com tudo que puder para fazer física, lazer. Se tivesse era bom. A gente vê em tanto canto, em Natal/RN, tão bonito aquelas idosas se exercitando. Eu queria que tivesse um salão para dançar, para fazer exercício. É por que não tem o espaço, mas se tivesse era bom (Entrevistada 2)”*; *“Eu acho que se tivesse assim, um canto que todo final de semana a gente pudesse se divertir, numa festinha só a terceira idade, seria muito bom. A gente passa a semana toda em casa, só vem para cá na terça-feira e pronto. Ah, eu queria que tivesse um local com um palcozinho e dissessem: aí está, esse lugar é de vocês para todo final de semana vocês terem a animaçozinha de vocês (Entrevistada 13)”*.

O lazer proporciona, além do repouso e entretenimento, o desenvolvimento pessoal através da interação humana decorrente das diversas atividades de caráter desinteressado. Mesmo diante das diversas barreiras existentes, foi observado que, apesar de não terem tido uma *educação para o lazer*, essas mulheres procuram realizar atividades que sejam passíveis de satisfazê-las, entretê-las, diverti-las. Lembrando Dumazedier (2008, p. 114), “é através da prática destas atividades, através dos valores correspondentes que as probabilidades de realização pessoal da terceira idade são mais fortes”.

Assim, para exemplificar o lazer das senhoras entrevistadas, serão utilizadas as categorizações dos conteúdos culturais do lazer, elencados por Camargo (2006), Marcellino (2002) e Dumazedier (2004), classificados como físicos, manuais, intelectuais, artísticos, sociais e turísticos.

Assim, quanto às atividades físicas “[...] se incluem as caminhadas, ginásticas, o esporte e a atividades correlatas, executadas de maneira formal ou informal, em espaços tecnicamente planejados, como pistas, academias,

estádios, ou não-técnicos, como ruas, residências, terrenos baldios, praias” (CAMARGO, 2006, p. 20).

Nas entrevistas realizadas estava implícito que elas repousam e descansam com muita frequência, fato característico da chegada da velhice, onde tende-se a se manter um maior número de horas repousando, tanto pelo vigor físico que não é mais o mesmo, como pelas condições econômicas que não permitem fazer algo diferente. *“À noite eu só gosto de ficar sentada numa cadeira lá na calçada... se tiver alguém para conversar, bem, se não tiver, fico lá até dar sono (Entrevistada 5)”*.

Algumas mencionaram ter feito ao menos uma atividade física ao longo da vida: *“Caminho só dentro de casa mesmo, ando para lá e para cá e já fico cansada. Quando eu era nova fazia (Entrevistada 8)”*. Apesar disso, em sua grande maioria demonstram vontade de praticar algo. Admitem saber que a prática de alguma atividade física traria benefícios à saúde: *“Eu não caminho todo dia não, mas de vez em quando eu gosto de dar uma voltinha. (Entrevistada 16)”*.

As atividades manuais são aquelas “[...] ligadas ao prazer de manipular, explorar e transformar a natureza” (CAMARGO, 2006, p. 21). São as mais difundidas, apesar de haver pouca prática entre estas senhoras; contudo, mesmo as que não praticam em casa vão ao *Grupo Maturidade* e realizam-nas. A produção de artesanato é unânime por conta da participação no *Grupo*: *“Estamos fazendo agora umas cestinhas de jornal, já fizemos fuxico [técnica de artesanato que utiliza restos de tecidos e linhas], toda semana é uma coisa, e é bom por que a gente desopila, e as amigas da gente todas conversam. É bom, mas só faço aqui (Entrevistada 2)”*.

Abaixo, podem-se observar ilustrações da produção de artesanato no *Grupo Maturidade*, reunindo-se todas as terças e quartas-feiras:



Ilustrações 1 e 2 – Produção de artesanato no Grupo Maturidade

Fonte: Mabel Nunes do Vale, pesquisa de campo, jun. 2011.

Dentre as que relataram fazer outras atividades manuais, tem-se como exemplo, jardinagem, costura, ponto-cruz, reciclagem, crochê, produção de artesanato e os cuidados com animais como se vê nas falas: *“Hoje quando não estou trabalhando faço fuxico, ponto-cruz, eu já fiz muito curso, marco uma toalhinha de um neto, uma neta [...] (Entrevistada 11)”*; *“Eu mexo com planta, gosto de gato, cachorro, todo bicho eu gosto. Tenho galinha, pato, gato [...] as vezes faço ponto-cruz, crochê (Entrevistada 15).*

Houve quem dissesse gostar tanto das atividades manuais que faz disso seu trabalho e acha que para si é um lazer, *“O meu lazer é só trabalhar, trabalho muito para a igreja. Não tenho dia para dizer ‘hoje não tenho nada para fazer’. Faço porque gosto, sinto prazer em fazer. Às vezes o povo diz que não preciso nem fazer, mas pra mim se eu não fizer um artesanato acabou tudo. Faço muito artesanato, reciclagem, costura. Faço fuxico, boneca. (Entrevistada 19)”*. Para tanto, Camargo (2006, p. 15), acredita que *“há, é claro, pessoas que, no seu tempo de lazer, repetem seus gestos de trabalho [...] Aí, pode-se vislumbrar uma espécie de semilazer profissional, mas não um lazer total”*.

Já o tempo direcionado para as atividades intelectuais *“[...] é um tempo precioso para o exercício do conhecimento e satisfação da curiosidade intelectual, em todos os campos, seja através da conversação aparentemente banal com os amigos, seja através dos meios de difusão eletrônica, seja através da consulta especializada”* (CAMARGO, 2006, p. 25). Deste modo, algumas

voltaram a estudar, como esta: *“Quando eu estou em casa pego meu livro vou olhar as letras, fazer meu ‘dever’ (Entrevistada 2)”*.

Quando o assunto é leitura, percebeu-se que estas não gostam do ato de ler, tanto pela falta de estudo formal suficiente, tendo que pedir a ajuda dos filhos, como por questões de saúde, onde a visão já não é como antes e prejudica a ação, como neste caso: *“Leio mais ou menos ou às vezes eu mando meu filho ler para mim (Entrevistada 10)”*. Outras gostam de ler, mas apenas livros de oração: *“Pouco, mas leio, só leio mesmo minhas novenas de Perpétuo Socorro, São Francisco, Jesus Misericordioso (Entrevistada 6)”*; *“Antes ou depois do almoço eu me sento e vou ler meus livros de oração, encomendar meus filhos para Jesus tomar de conta de todos, dos netos... (Entrevistada 7)”*.

Com relação às atividades associativas/sociais de lazer, ressalta-se nestas “[...] o interesse cultural centrado no contato com as pessoas” (CAMARGO, 2006, p. 25), sendo importante destacar a função de sociabilidade que o *Grupo Maturidade* exerce na vida dessas senhoras, pois, todas elas, sem exceção, disseram-se muito satisfeitas participando do grupo: *“Ave Maria!, fico doida que chegue a quarta-feira para vir pra cá (Entrevistada 4)”*; *“Eu gosto do povo todo, elas são minhas amigas, eu gosto de todo mundo... não tenho raiva de ninguém [...] (Entrevistada 15)”*; *“Gosto, para se divertir, para distrair porque a pessoa só num canto calada fica pensando besteira e aqui é bom porque a pessoa distrai (Entrevistada 18)”*.

Segue abaixo fotos de encontros no *Grupo Maturidade*:



Ilustrações 3 e 4 – Reunião do *Grupo Maturidade*

Fonte: Mabel Nunes do Vale, pesquisa de campo, jun. 2011.

Também como forma de sociabilidade, as entrevistadas visitam as amigas tanto do grupo como externas a este e, principalmente, visitam os familiares: *“As pessoas que eu visito são meu filho e minha nora e eles me visitam, recebo as minhas amigas, elas gostam muito lá de casa (Entrevistada 16)”*. Porém, existem também as que não gostam muito de fazer visitas ou se sociabilizar fora do seu entorno habitual, preferindo ficar em casa: *“Não gosto de sair de casa, só de estar na calçada conversando (Entrevistada 3)”*.

Entendendo a religião como uma opção para ajudar no enfretamento do processo de envelhecimento, notou-se durante as entrevistas que todas elas vão à missa, geralmente, todo sábado ou domingo, outras menos frequentemente, mas mesmo assim participam: *“Ave Maria! Faltando um domingo à missa faltei tudo... (Entrevistada 8)”*.

Quando o assunto é a ida a bares ou restaurantes, observou-se que é minoria entre elas as que gostam de frequentar esses locais por questões econômicas, por dependência dos filhos ou mesmo por que se acham velhas demais para frequentar tais lugares: *“Eu só vou quando meu menino que mora fora vem... aí é que a gente vai para a praia, almoçar na praia. E a gente só faz isso quando ele tem uma folga (Entrevistada 1)”*; *“Só quando eu era nova, dancei muito, mas agora de idade assim, não gosto não (Entrevistada 18)”*.

A participação em festas também é relativa. Todas participam de festas da igreja, festas religiosas. Uma ou outra é que participa de outros tipos de festas como serestas e/ou bailes de carnaval: *“A festa que eu vou é as novenas de Nossa Senhora dos Navegantes, a procissão de Santa Luzia em Mossoró. (Entrevistada 13)”*; *“Chega domingo me chamam pra ir para Peixotinho [bar existente na cidade], aí a gente vai beber cerveja lá, nós duas, eu e uma amiga... ele [o marido] não gosta de nada e eu vou pra tudo. No carnaval comprei uma camisa [de bloco carnavalesco] pra ele e não quis. Aqui tem o Baile da Saudade a gente vai tudo sem marido, chegava em casa de manhã toda ‘melada’ batendo ‘abra aqui meu marido’ e o povo da rua todo olhando, dou nem cartaz. As vezes a gente vai para o bar de 22h e chega em casa as 4h da manhã tudo cheia de cerveja e ele diz assim: ‘tu veio mais quem?’ daí eu digo: ‘já tá de manhã meu amigo, se*

liga, abra a porta para eu entrar!'. Esse ano nós, as velhas, brincamos cinco dias de carnaval. Brincamos aqui, na casa do ancião, fomos para o baile da saudade, saímos de baiana no Morcegos [escola de samba areia-branquense] e fomos pro salientes [bloco carnavalesco]. Agora não estou dançando o pastoril porque estou com a coluna inflamada, mas em agosto, eu vou (Entrevistada 17)''.

Algumas demonstraram não mais gostar de festas pelos seguintes motivos expostos: *''Não gosto muito de festa não, já gostei muito. Eu não consigo mais estar nesses cantos em pé, eu não saio só por causa das pernas, eu não tenho amiga certa para sair (Entrevistada 12)''; ''É muito difícil, não gosto não, só por causa do barulho... (Entrevistada 15)''.* Vê-se, mesmo assim, que os limites são muito mais físicos e econômicos do que emocionais para esse grupo etário.

Sobre as atividades artísticas tem-se que,

Quando se fala em interesses artísticos, ressalta-se a busca do imaginário, do sonho, do encantamento, do belo, do fazer-de-conta. Por atividades artísticas, entendem-se habitualmente a prática e a assistência de todas as formas de cultura erudita conceituadas como arte, tais como cinema, teatro, literatura, artes plásticas, etc. (CAMARGO, 2006, p. 23).

Desta forma, percebeu-se, através das entrevistas, que estas mulheres assistem muita televisão, especialmente novelas: *''Gosto só da novela, as vezes eu assisto outra coisa, mas de preferência é só novela (Entrevistada 1)''.* Poucas procuram assistir também um telejornal. O número reduzido do interesse pelo telejornalismo se dá devido à quantidade de notícias, segundo elas, desagradáveis: *''[...] essas enchentes no meio do mundo eu não gosto não, meu coração não resiste mais assistir isso não. Tem gente que fica na televisão o dia todinho, a noite todinha. Só assisto à novela das 20h, quando vou dormir desligo tudo (Entrevistada 12)''.*

Programas religiosos também são assistidos: *''Eu gosto da Canção Nova, a Aparecida é meu fraco (Entrevistada 8)''.* Diversificadas preferências foram citadas como: *''Gosto muito, só as novelas [...] e dia de sábado na Record 'Vai dar Namoro' [quadro do programa Melhor do Brasil] (Entrevistada 16)''.*

Ouvir rádio também foi citado no intuito de reconhecimento das notícias locais e acompanhamento das programações religiosas: *“Agora rádio eu gosto, 2h, 3h da madrugada eu já ligo meu ‘radinho’ em Nossa Senhora Aparecida, escuto o terço todinho, quando termina o terço aí tem os cantos da igreja e eu fico fazendo as tapiocas e só ouvindo, eu gosto demais (Entrevistada 13)”*. Há preferências também na audição de canções não religiosas: *“Música que eu gosto de escutar é seresta (Entrevistada 16)”*.

Já com relação a filmes, muitas delas narraram não assistir e não gostar. Uma em especial chegou a dizer: *“Não vou perder meu tempo com isso não... (Entrevistada 6)”*. Poucas disseram gostar de filmes e os exemplos a seguir exemplificam os gostos: *“Só se for um filme de bang-bang, negócio de bofete, aí eu tenho que tomar logo um comprimido de pressão por que se eu vejo aquelas brigas me dá logo uma agonia eu me levanto vou à cozinha depois volto, mas mesmo assim gosto de assistir. Um dia eu passei mal... (Entrevistada 14)”*; *“Gosto, só de bang-bang. As vezes eu vou dormir cedo aí acordo num sei que hora da madrugada, pego e vou assistir. Aí depois quando tá todo mundo dormindo eu pego e coloco aqueles DVDs de coisa ‘imoral’, gosto que só disso de madrugada, aqueles filmes de mulher mais homem... aí ele [o marido] diz: ‘tá vendo o que?’, aí respondo: ‘nada’, desligo, aí ele vem dizer: ‘essa mulher depois de velha tá ficando sem vergonha’, aí eu digo: ‘não quero conversa não, não tá vendo a capa do filme?’ eu pego e escondo... (Entrevistada 17)”*.

No que concerne as atividades turísticas, “o interesse cultural central dos indivíduos que buscam este gênero de atividades é a mudança de paisagem, ritmo e estilo de vida” (CAMARGO, 2006, p. 26). Logo, “entre todas as atividades de lazer, o lazer turístico é o mais significativo para o idoso, pois incentiva sua sociabilidade, sua comunicabilidade e expande o universo cognitivo mediante novas experiências vivenciais” (FROMER; VIEIRA, 2003, p. 65).

As entrevistadas mostraram de uma forma geral realizar apenas viagens curtas, no entorno da microrregião de Mossoró. Quando mais longas se dão por motivos religiosos ou visita a parentes: *“Não, porque eu não posso, se eu pudesse passeava muito... a viagem que eu faço é para visitar meu filho e pronto... não viajo*

para canto nenhum não (Entrevistada 1)”; “Gosto de ir para lugares para passar o dia [...] viajo dependendo das condições, se der eu vou, por que tem vezes que a gente quer ir mas não dá... (Entrevistada 9)”.

As que viajam mais o fazem uma a duas vezes ao ano, para locais religiosos e/ou para visitar parentes: “[...] esse ano se Deus quiser e meu padrinho Pe. Cícero, eu vou a Juazeiro [...] gosto muito, o mais perto que vou é Mossoró que eu tenho família lá... aí vou para Santa Luzia. Vou mais para locais religiosos. Já fui dois anos a Canindé, esse ano três se Deus quiser! Vou para Juazeiro de lá para Serra do Lima, Canindé, quando a gente volta vem por Fortaleza, Aracati (Entrevistada 3)”.

Parte delas participam frequentemente de excursões. Esta é exemplo: “Nossa, Adoro! Meu fraco é viajar. Já domingo que vem já vou a uma excursão. Sempre que tem uma excursão vou, para passar o dia fora, tomar banho de piscina, para se divertir, passear, eu gosto! Meu fraco é praia (Entrevistada 2).

Outra parte das informantes não gosta de viajar, fundamentalmente pelo próprio preconceito etário e por medo da violência. “Eu já gostei muito, mas hoje em dia... a gente não pode nem sair de casa por causa dos assaltos, só se ouve que param os ônibus para assalto. Já me chamaram muito para ir para Canindé, mas eu digo que não vou... (Entrevistada 7)”.

Por fim, foi questionado quando em suas viagens com quais faixas etárias gostam mais de viajar. Apesar de não relacionarem maiores problemas em viajar com pessoas mais jovens, todas preferem ir com a terceira idade, pela proximidade de preferências e tipos de comportamento semelhantes: “Gosto de viajar com pessoas mais do meu tipo, do meu nível. Não gosto de viajar com gente nova não por que vão só para beber... (Entrevistada 6)”.

Nesse ínterim, em meio a tantas vicissitudes no cotidiano lúdico dessas mulheres, percebe-se que o *Grupo Maturidade* está surgindo como uma alternativa lúdica, que, embora de forma “assistencialista”, vem propondo uma outra forma de viver a velhice, em comunidade, fazendo amizades e criando distintos laços.

A terceira idade vem tendendo a possuir maior consciência do tempo que lhes resta, repensando atos e ações, tendo a possibilidade de optar por viver uma vida tranquila, porém ativa, sem a sensação de desespero por estar envelhecendo. Observa-se cada vez mais a terceira idade se tornando flexível, buscando novos conhecimentos e a tão sonhada realização pessoal antes não alcançada para alguns.

Assim, essas senhoras até podem se encontrar em um nível elementar e fragmentário de participação do lazer (de limitada consciência crítica e criativa para o lazer), mas vêm buscando reinventar formas do que lhes é proposto.

Não obstante, ainda assim elas se limitam às reuniões da terceira idade e ficam esperando alguma forma de assistência. Aguardam o poder público disponibilizar espaços adequados para a prática de diversas atividades.

Observou-se que para elas, em Areia Branca/RN, seria muito importante, inclusive, um local melhor para se reunirem, dançarem, cantarem, etc., pois apesar da assistência que o CRAS presta a essa pequena parte da comunidade, o local em que elas se reúnem não conta com a menor infraestrutura para atendê-las e concretizar os seus anseios: *“Areia Branca tá muito fraca para o lazer da terceira idade. A gente vê nos cantos tanta coisa para a terceira idade, aqui era pra ter [...] gostaria de um lugar assim que a gente pudesse juntar todas as amigas para dançar. Adoro dança! (Entrevistada 4).*

Criar esses espaços possibilitaria, por exemplo, *“tirar aquelas pessoas que ficam só em casa pensando, pra que todo mundo se junte, sejam amigas, conhecer umas as outras. Por que aqui eu já conheci muita gente que não conhecia...” (Entrevistada 6).*

Desta forma, percebe-se que,

As cidades não se preocupam muito com o lazer nem com as necessidades de relaxamento dos seus habitantes. [...] as condições de moradia e qualidade de vida cidadão degradam-se a olhos vivos. [...] Ainda que diretamente ligado à urbanização, o custo do lazer não é levado em consideração pelas cidades, que não se sentem responsáveis pelo mesmo e nem o assumem. (KRIPPENDORF, 2001, p. 37-38).

Entretanto, esperar o poder público lhes proporcionar acesso à equipamentos adequados é deixar passar o tempo que ainda lhes resta e ficar *“sentada à beira de um caminho”*. Como não há estruturalmente o intuito da construção cidadã de espaços para propiciar bem-estar e qualidade de vida à sua população, principalmente os idosos ficam limitados no seu lazer por não disporem de recursos para gastar em equipamentos pagos e que, diga-se de passagem, em Areia Branca/RN, são poucos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa de conclusão, faz-se necessário estabelecer algumas considerações relacionais obtidas mediante o encadeamento entre a análise dos dados coletados e o estudo bibliográfico desenvolvido. Metodologicamente, é preciso ressaltar que as reflexões esboçadas não possuem representatividade para o conjunto das mulheres idosas areia-branquenses. Trata-se apenas de um estudo de caso, limitado às vinte informantes do *“Grupo Maturidade”* que participaram da pesquisa. Contudo, o enxergado em campo significa uma luz para a compreensão do que uma parte da população idosa realiza em seu tempo disponível.

De forma a responder o problema da pesquisa, bem como demonstrar os alcances dos objetivos do estudo, notou-se que as entrevistadas, em seu tempo disponível, buscam voltar-se para o lazer procurando entreter-se, divertir-se, ocupando o tempo livre, interagindo e melhorando sua autoestima. No entanto, suas atividades de lazer se restringem muito mais a suas casas por questões econômicas, ressaltando-se que os locais de moradia dessas pessoas nem sempre têm muitas condições para a sobrevivência “digna”, onde se limitam ao uso excessivo da televisão, tendo como principal programação a novela, seguida pelos jornais e programas religiosos.

Notou-se que a cidade de Areia Branca/RN, assim como muitos municípios periféricos brasileiros, não está preparada para lidar com uma população envelhecida. Há uma precariedade na infraestrutura local, assim como na educação, e principalmente, na saúde pública básica. Existem deficiências no que diz respeito ao lazer na cidade para a população como um todo, especialmente para a terceira idade. Percebe-se com isto a falta de empenho do poder público em criar políticas públicas para a conscientização e educação para o lazer, e de proporcionar locais adequados à prática, principalmente, da terceira idade, onde o direito ao lazer não é respeitado.

Em síntese, é preciso ressaltar que é bastante restrita a concepção de que os idosos buscam essencialmente atividades lúdicas mais voltadas ao descanso e a tranquilidade, pois se viu nessas mulheres vigor e vontade de vivenciar novas experiências, estando dispostas a realizarem as mais variadas atividades que lhes forem propostas, principalmente, a dança e a participação em excursões. Desse modo, são inúmeras as possibilidades de participação social, bem como de auto-realização através do lazer para a terceira idade. O que resta é o estímulo de formas mais humanas de promoção e valorização dessa faixa etária, isto é, torná-las, de fato, cidadãs.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei no 10.741, de 1º de Outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. **Presidência da República Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos**. Brasília, 1º de outubro de 2003; 182º da Independência e 115º da República. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.741.htm>. Acesso em: 19 maio 2011.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. **O que é lazer**. 3. reimp. São Paulo: Brasiliense, 2006. (Coleção Primeiros Passos;)

CARVALHO, José Alberto Magno de; GARCIA, Ricardo Alexandrino. O envelhecimento da população brasileira: um enfoque demográfico. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 725-733, 2003. Disponível em:

<<http://www.scielo.org/pdf/csp/v19n3/15876.pdf>>. Acesso em: 27 abr. 2011.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. Tradução: Maria de Lourdes Santos Machado. 3. ed. 2. reimp. São Paulo: Perspectiva, 2004. (Coleção Debates).

_____. A querela das definições. In: _____. **Sociologia empírica do lazer**. Tradução: Sílvia Mazza e J. Guinsburb. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008. p. 87-129. (Coleção Debates)

FROMER, Betty; VIEIRA, Débora Dutra. **Turismo e terceira idade**. São Paulo: Aleph, 2003. (Coleção ABC do Turismo).

GURGEL, Deífilo. **Areia Branca: a terra e a gente**. Natal, 2002.

IBGE. **Projeção da população do Brasil por sexo e idade 1980-2050**. Revisão 2008. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/projecao_da_populacao/2008/projecao.pdf>. Acesso em: 5 nov 2010.

_____. Cidades@. **Areia Branca - RN**. 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/link.php?codmun=240110>>. Acesso: 14 maio 2011.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do Turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. Tradução: Contexto traduções. São Paulo: Aleph, 2001.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Estudos do Lazer: uma introdução**. 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2002. (Coleção Educação Física e Esportes).

PORTAL ODM. Acompanhamento municipal dos objetivos desenvolvimento do milênio. Relatórios dinâmicos indicadores municipais. **AREIA BRANCA-RN**. 2009. Disponível em: <<http://www.portalodm.com.br/relatorios/rn/areia-branca>>. Acesso em: 13 maio 2011.

ROYALTIES somam mais de R\$ 185 milhões em 2011. Valor é 19% superior ao recebido no primeiro semestre do ano passado. **Jornal O Mossoroense**, Mossoró, 23 jun 2011. Avaliação. Disponível em: <<http://p.download.uol.com.br/omossoroense/mudanca/pics/pdf/EDICAO.pdf>>. Acesso em: 23 jun 2011.

SANTOS, Milton. Uma globalização perversa. In: _____. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 12. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2005. 37-78.

SALGADO, Carmem Délia Sánchez. Mulher idosa: feminização da velhice. **Estudos Interdisciplinares Sobre o Envelhecimento**. Porto Alegre, v.4, p. 7-19, 2002. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/4716>>. Acesso em: 10 ago 2011.

SOUZA, Heloísa Maria Rodrigues de; JACOB FILHO, Wilson; SOUZA, Romeu Rodrigues de. **Turismo e qualidade de vida na terceira idade**. Barueri, SP: Manole, 2006.

SOUZA, Jessé. A gramática social da desigualdade brasileira. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, v. 19, n. 54, p. 79-97, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v19n54/a05v1954.pdf>>. Acesso em: 18 maio 2011.

VALE, Mabel Nunes do. **Produção de artesanato no Grupo Maturidade**. Pesquisa de campo, jun 2011. 2 fotografias, color, 38,61 cm x 51,48 cm.

VALE, Mabel Nunes do. **Reunião do Grupo Maturidade**. Pesquisa de campo, jun 2011. 2 fotografias, color, 38,61 cm x 51,48 cm.

Cronologia do Processo Editorial

Recebido em: 14. maio. 2012

Aprovado em: 20. nov. 2012

REFERÊNCIA DESTE ARTIGO:

VALE, Mabel Nunes do. Um estudo acerca da utilização do tempo disponível dos idosos em Areia Branca/RN. **Turismo: Estudos e Práticas - UERN**, Mossoró/RN, vol. 1, n. 2, p. 80-103, jul./dez. 2012.